

CAPÍTULO TRÊS – A RECONSTRUÇÃO INTERNA

Texto traduzido e adaptado de
“Chapter Three. Internal Reconstruction” (pp. 37-54) em
Robert J. JEFFERS e Ilse LEHISTE, *Principles and Methods for Historical Linguistics*.
Cambridge, MASS e Londres, Inglaterra: The MIT Press, 1979 (5ª impressão de 1992).

A reconstrução interna foi definida como “um procedimento para inferir parte da história de uma língua por meio do material disponível para uma descrição sincrônica da língua e por meio disso só” [“a procedure for inferring the history of a language from material available for a synchronic description of the language, and from that alone”] (Chafe, 1959). A forma mais direta de reconstrução interna pode ser comparada ao método comparativo, já que também envolve a comparação de formas cognatas. O procedimento utilizado na reconstrução comparada é baseado na observação e categorização das diferenças que se notam nas várias formas de um determinado morfema conforme ocorra nas línguas separadas, porém, aparentadas, sob análise. Na reconstrução interna, o linguista considera as várias formas de um determinado morfema na única língua sendo investigada. O paradigma, com suas formas alternantes morfológicamente relacionadas, embora morfofonemicamente distintas, constitui o ponto de partida para um tipo de reconstrução interna.

A reconstrução de mudanças sonoras condicionadas

Tal como o método comparativo supõe que as formas diferentes de morfemas relacionados possuem uma origem única que as mudanças particulares a uma língua explicam as divergências existentes, o método de reconstrução interna pressupõe que a alomorfia paradigmática não é original e que o fenômeno reflete os resultados e um ou mais desenvolvimentos históricos, normalmente mudanças sonoras condicionadas. Consequentemente, o linguista histórico, mediante a análise interna, procura reconstruir não só o formato mais antigo das formas linguísticas, mas também as mudanças específicas responsáveis para as alternâncias sincrônicas.

Exemplos das circunstâncias sob as quais a reconstrução interna pode ser aplicada são frequentes, especialmente nas línguas que exibem uma extensa morfologia derivacional e/ou flexional. No alemão, por exemplo, existem certas palavras em que se observe uma alternância entre consoantes oclusivas surdas e sonoras na forma de vários casos nominais. Embora escrita com a letra ‘d’, a palavra *Bund* [bunt] “aliança”, “federação” é pronunciada de maneira idêntica [ao adjetivo] *bunt* “colorido”, “em cores vivas”. Nas formas flexionadas, o [t] final de *Bund* alterna com [d], enquanto o [t] de *bunt* permanece desvozeado em todas as situações. Na realidade, alternâncias paradigmáticas correspondentes ocorrem em todos os pares de obstruintes surdos e sonoros da língua alemã. O alternante desvozeado aparece no paradigma de palavras como *Bund* apenas em posição final absoluta. Na base desses fatos, o linguista histórico poderia supor que, numa fase anterior na história do alemão, os radicais como *Bund* exibiam apenas uma forma fonética, aquela em que aparece o segmento final sonoro. É possível, pois, reconstruir uma mudança histórica de *d* para *t* em posição final, ou de um

modo mais geral: obstruente [vozeado] > obstruinte [desvozeado] / __#. Uma mudança sonora condicionada foi reconstruída como parte da pré-história do alemão para explicar uma alternância sincrônica.

Cabe enfatizar o ponto que, no alemão, os obstruintes vozeados são sons de distribuição limitada: nunca ocorrem em posição final absoluta, onde somente os obstruintes desvozeados podem aparecer. Tais restrições distributivas servem como indícios de que uma mudança sonora pode ter ocorrido.

Outro exemplo de características semelhantes é proferido pelo grego antigo. No grego antigo não havia oclusivas finais. Segmentos oclusivos alternam com zero nos paradigmas flexionais. Considere alguns exemplos: *λεγον* (*legon*) “falante” (nom./acus. sing. neut.): *λεγοντος* (*legontos*) (gen. sing.); *μελι* (*meli*) “mel” (nom./acus. sing. neut.): *μελιτος* (*melitos*) (gen. sing.); *παις* (*pais*) < **paid-s* “menino” (nom. masc. sing.): *παιδος* (*paidos*) (gen. sing.): *παι* (*pai*) (voc. sing.); *γυναικος* (*gunaikos*) “mulher” (gen. fem. sing.): *γυναι* (*gunai*) (voc. sing.). No singular dos casos nominativo ou acusativo dos substantivos do gênero neutro e no singular do caso vocativo não há um marcador de caso explícito no grego. Além disso, fica evidente que a desinência nominal do caso genitivo é *-os* devido às classes de palavras como *πυρ* (*pūr*) “fogo” (nom. sing. masc.) ~ *πυρός* (*puros*) (gen. sing.) e *πατήρ* (*patēr*) “pai” (nom. sing. masc.) ~ *πατρός* (*patros*) (grego homérico)/ *πατερός* (*pateros*) (gen. sing.). Consequentemente, o /t/ de *λεγοντος* (*legontos*) e *μελιτος* (*melitos*), o /d/ de *παιδος* (*paidos*) e o /k/ de *γυναικος* (*gunaikos*) devem ser associados com os radicais dessas palavras. A explicação histórica para a ausência das consoantes oclusivas em final de radical nas formas dos casos nominativo, acusativo e vocativo é que essas consoantes oclusivas foram eliminadas em posição final como o resultado de uma mudança fonética regular. Outra vez, é possível reconstruir uma mudança sonora condicionada na base de uma alternância condicionada dentro de um sistema sincrônico.

Nos dois exemplos que acabamos de apresentar, a operação de reconstrução interna das mudanças sonoras condicionadas não foi complicada porque nenhum desenvolvimento subsequente aos que produziram as alternâncias tinha interferido para ocultar os resultados das mudanças sob as quais as alternâncias foram introduzidos. Em tanto o caso do alemão quanto o do grego antigo, as alternâncias pertinentes são completamente automáticas nos sistemas sincrônicos, refletindo fielmente os resultados de uma única mudança sonora regular. Nenhum obstruinte vozeado final consta no alemão; nenhuma consoante oclusiva final se manifesta no grego antigo. Muitas vezes, contudo, os fatos não sejam tão simples. O efeito cumulativo de múltiplas mudanças sonoras com frequência complica o sistema sincrônico de tal maneira que dados aparentemente conflitantes se apresentem ao linguista que tenta realizar uma reconstrução interna. Considere a situação seguinte que ocorre em vários dialetos do grego antigo, discutida em Chafe (1959).

No grego antigo, existe uma alternância de ampla difusão entre /s/ e Ø. Por exemplo, na maioria dos dialetos, o singular do genitivo da palavra “raça” é *γενεος* (*geneos*), enquanto o plural do dativo é *γενεσσι* (*genessi*). Já foi mencionado que a desinência do singular do genitivo no grego antigo é *-ος* (*-os*). A desinência de plural do caso dativo é *-σι* (*-si*) (compare *φύλακ-* (*phúlak-*) “guarda” e *φύλαξι* (*phulaksi*) [plur. dat.]). Por conseguinte, a alternância *γενε-* (*gene-*) ~ *γενεσ-* (*genes-*) é sugestiva de uma mudança sonora pré-histórica pela qual /s/ foi eliminado sob certas condições especificáveis. Dado que naqueles morfemas que exibem uma alternância /s/ ~ Ø constatamos a perda de /s/ apenas em posições intervocálicas, pode-se supor de modo experimental que a mudança sonora ocorrida assumiu a forma *s* > Ø / V__ V. Entretanto, tal explicação parece conflitar com certos outros fatos sobre a língua grega. Embora a mudança sonora proposta explique aqueles paradigmas em que a alternância *s* ~ Ø se manifeste, /s/ intervocálico ocorre, de fato, no grego antigo. Em vários dialetos existem muitas palavras como *ἀμβροσία* (*ambrosía*) “elixir da vida” que não pertencem à classe paradigmática caracterizada

pela alternância $s \sim \emptyset$ e que manifestam um /s/ intervocálico. Não obstante, a despeito do fato de que a ocorrência de palavras como ἀμβροσία (*ambrosía*) parece invalidar nossa hipótese sobre a queda condicionada de /s/, isso não é necessariamente o caso. Se for possível demonstrar que um /s/ intervocálico foi reintroduzido mediante um desenvolvimento que pos-datasse o processo que eliminou o /s/ intervocálico em palavras como γενεος (*geneos*), o linguista terá recuperado não somente o detalhe de certas mudanças sonoras que ocorreram na pré-história do grego, mas também ele terá identificado a cronologia relativa dessas evoluções.

No caso de ἀμβροσία (*ambrosía*), o radical βροσ- (*bro-*) ocorre com um /t/ no lugar do /s/ em palavras relacionadas de maneira paradigmática, como ἀμβρότος (*ambrótos*) “imortal”. Tal alternância /t/ ~ /s/ está representada num conjunto significativo de palavras, tal como, πλουτος (*ploutos*) “riqueza” e πλουσιος (*plousios*) “rico”, “abastado”. Em cada um desses casos, o alternante com o /s/ final é seguindo por /i/. A alternância /t/ ~ /s/ é automático sincronicamente e podemos pressupor que ela reflete a evolução histórica /t/ > [s] / __ i. Se todos os /s/ que se derivam historicamente de /t/ forem restaurados, como em, por exemplo, *ἀμβροτία (**ambrotía*), as palavras como ἀμβροσία (*ambrosía*) não contradizem a hipótese sobre a perda de /s/ que propusamos. À base de somente evidências internas, pois, podemos pressupor uma perda intervocálica de /s/ no grego antigo que estava completa antes que um desenvolvimento distinto (em muitos dialetos) reintroduzisse o /s/ intervocálico num contexto limitado.

No caso de todas as alternâncias paradigmáticas que examinamos até este ponto no presente capítulo, as condições sob as quais as alternâncias foram produzidas tem sido facilmente recuperáveis. Isto é porque, em cada caso que estudamos, os próprios segmentos que condicionaram a mudança em questão não foram afetados por mudanças subsequentes. Com frequência consta, porém, que os mesmos segmentos que, num determinado momento histórico de uma língua, operaram para condicionar uma mudança sonora são influenciados por evoluções posteriores. Ainda assim, em tais casos, normalmente é possível inferirmos o tipo de som que tenha condicionado a mudança pela natureza da própria mudança.

As limitações da reconstrução interna

O sânscrito clássico (sâncsc.) exhibe uma alternância paradigmática entre consoantes oclusivas velares e africadas palatais, por exemplo, वाक् (*vāk*) “voz” [sing. masc. nom.] ~ वाची (*vāci*) [sing. loc.] ~ वाचस (*vācas*) [pl. nom.]. Embora a alternância क : च (*k* /*k*/ ~ *c* /*tʃ*/) seja plausível diante da vogal palatal /i/, está evidente que a vogal não-alta, não-anterior /a/ não podia condicionar uma mudança de não-palatal para palatal na consoante que a precedesse. Além disso, existem muitas ocorrências da sequência /k/ + /a/ em sânscrito, como, por exemplo, कस् (*kas*) “quem”, em que o segmento oclusivo velar aparece insensível à presença da vogal /a/ que o segue. Na base disso e de outras alternâncias semelhantes, não estamos sem motivo de supor que o /a/ no sufixo -अस् (-*as*) não é original e que, em alguma variedade anterior do sânscrito, uma vogal mais palatal, que, desde então, se fusionou com /a/, ocupava seu lugar. Pode ser que o leitor se recorde neste momento que, no capítulo anterior, foi demonstrado pela comparação com línguas cognatas que as vogais /a/ e /e/ se fundiram, de fato, no sânscrito. Até na ausência dos poderosos mecanismos do método comparativo, no entanto, uma análise interna aplicada a um único tipo de alternância paradigmática possibilitou a reconstrução da fissão

fonêmica de /k/ em /k/ e /tʃ/ e, adicionalmente, sugeriu a forma básica de uma mudança posterior – a fusão de alguma vogal anterior, sem ser /i/, com /a/. **Fissão** é o termo técnico utilizado para se referir à substituição de um único segmento por dois ou até mais segmentos em contextos fonéticos diferentes. O termo inverso correspondente, **fusão**, descreve a situação em que pelo menos dois segmentos são substituídos por um único segmento. Um sinônimo de uso frequente para o fenômeno de **fusão fonêmica** é **coalescência**.

O fenômeno da fusão destaca a limitação mais grave da reconstrução interna, que é a necessidade de haver alguma evidência restante de uma mudança no sistema sincrônico para que a mudança em questão fique recuperável. Como vimos, a recuperação das fissões é facilitada pela presença das alternâncias paradigmáticas na língua analisada. Entretanto, em casos de **fusão total** – a perda completa de uma distinção fonológica – tais evidências residuais com frequência são faltantes. Na verdade, a fusão total é completamente irre recuperável por meio da análise interna, a não ser que um dos próprios segmentos fusionados operou para condicionar uma mudança que precedesse a fusão. Tal situação obtém no caso da fusão em sânscrito de /e/ e /a/. A fusão não é condicionada, mas a existência anterior de /e/ é indicada pelo seu efeito nas consoantes oclusivas velares que o precediam. Sem embargo, mesmo neste caso, nossa reconstrução interna está limitada àquelas provas do /e/ pré-histórico que tenham seguido um segmento oclusivo velar. Embora seja totalmente legítimo pressupor que a vogal /e/ tenha que ter ocorrido noutros ambientes, as especificidades da sua ocorrência não podem ser identificadas mediante a reconstrução interna, com a ressalva desse contexto limitado. De modo a exemplificação, para confirmar que a primeira vogal em नभस (*nabhas*) “nuvem” era historicamente /e/ (< PIE, **nebhos*), é preciso lançar mão de evidências adquiridas pelo método comparativo.

O germânico exibe um exemplo de uma situação em que uma fusão pré-histórica é totalmente irre recuperável pelo método interno. Quatro vogais – *i e u a* – são reconstruídas para o protogermânico (Pgm.), que é a língua mãe do inglês, alemão, escandinavo, a extinta língua gótica e várias outras línguas do norte europeu. Na base de evidência das línguas aparentadas com o germânico, sabemos que o protoindo-europeu tardio, a língua de que o germânico foi derivado, possuía cinco vogais – *i e u o a*. Numa época logo no início da sua existência, o germânico perdeu a distinção entre /o/ e /a/. A fusão foi não-condicionada e não há nenhum vestígio de evidência no germânico de que a vogal breve /a/ dessa língua reflita dois segmentos anteriores e fonologicamente distintos. Conseqüentemente, só pela análise interna, os linguistas históricos não conseguem recuperar plenamente os sistema vocálico pré-histórico do que as vogais breves germânicas se derivam e não podemos identificar todas as mudanças sonoras que produziram os sistemas existentes.

Até nos casos em que o sistema sincrônico contém evidência de uma fusão pré-histórica, como no caso do /a/ do sânscrito, muitas vezes é difícil identificar a situação fonética pré-histórica em mais do que as linhas mais gerais. Por um lado, pela análise interna, podemos pressupor com confiança que /a/ do sânscrito substituiu pelo menos uma vogal palatal. Por outro lado, a evidência sincrônica não instrui o linguista sobre a altura articulatória de tal vogal (além do fato de que não se pode tratar de /i/, já que /i/ persiste no sânscrito em todas as posições) e não informa ao linguista que apenas uma vogal anterior foi envolvida nesta coalescência. No entanto, em casos das **fússões parciais** recuperáveis pela análise interna, a reconstrução é geralmente menos complicada. A fusão parcial é a perda de pelo menos uma distinção fonológica em algum ambiente fonético classificável.

De modo a exemplificar esse tipo de reconstrução interna baseada na análise de alternâncias sincrônicas, discutimos um conjunto de dados muito instrutivo do irlandês antigo. A seguir, apresentamos o paradigma casual do singular da palavra “homem” em irlandês antigo:

(3.1)

nominativo	<i>fer</i>	[f ^h er]
genitivo	<i>fir</i>	[f ^h ir ^j]
dativo	<i>fiur</i>	[f ^h ir ^w]
acusativo	<i>fer</i>	[f ^h er]

Várias diferenças interessantes são observáveis nas diversas formas casuais desta palavra monossilábica. Enquanto o nominativo e o acusativo exibem a vogal /e/, o genitivo e o dativo manifestam /i/. Além disso, a consoante final é ora palatalizada (no genitivo), ora labializada (no dativo), ora neutra (no nominativo e acusativo). (Convém apontar também que a palavra *fer*, obviamente, representa uma *classe* de palavras com alternâncias parecidas).

De tal forma que uma vogal pode operar para condicionar uma mudança numa consoante que a preceda, ela também pode condicionar mudanças na qualidade da vogal numa sílaba anterior ou subsequente. As alternâncias na forma flexional da palavra *fer* no irlandês antigo, pois, poderiam refletir mudanças sonoras condicionadas pelas vogais que as seguiam e que foram eliminadas por outras mudanças posteriores. Se a presença dessas vogais perdidas é aceita de modo experimental para o irlandês pré-histórico, torna-se possível recuperar bastante informação no que diz respeito às características fonéticas dessas vogais na base da natureza das alternâncias na variedade existente da língua. Poderíamos supor, por exemplo, que as vogais altas nas formas dos casos genitivo e dativo fossem sugestivas vogais altas perdidas na sílaba seguinte, ao passo que a vogal média da forma dos casos nominativo e acusativo são indícios favoráveis a reconstrução de uma vogal não-alta correspondente nas desinências hipotéticas dessas palavras. Além disso, uma consoante final palatalizada no caso genitivo e uma consoante final labializada no caso dativo implicam que as vogais altas perdidas dessas duas formas sejam palatal (como /i/) e labial (como /u/), respectivamente. (Na qualidade de evidência sincrônica para a natureza palatal da vogal perdida do caso genitivo, observe a palatalização automática de qualquer consoante, no presente caso, /f/, diante de vogais palatais: por exemplo, compare *fáith* [fa:θⁱ] “profeta” em que não ocorre palatalização da consoante fricativa inicial diante de uma vogal não-palatal.

A nossa reconstrução não deve deter-se neste ponto, no entanto. Considere o seguinte paradigma de nome + adjetivo do irlandês antigo:

(3.2)

singular do nominativo	<i>fer gel</i>	[f ^h er.g ⁱ el]	“(um) homem brilhante, esplendoroso,”
singular do genitivo	<i>fir gil</i>	[f ^h ir ^j .g ⁱ il]	
singular do dativo	<i>fiur giul</i>	[f ^h ir ^w .g ⁱ il ^w]	
singular do acusativo	<i>fer ngel</i>	[f ^h er.ŋ ⁱ el]	

O adjetivo *gel* “brilhante”, “esplendoroso”, “luzente” exhibe alternâncias vocálicas e consonantais que são idênticas às descritas pelo nome *fer* “homem”. Aparentemente, fatores condicionadores

semelhantes ou até idênticos aos que afetaram os nomes como *fer* operavam também em certos adjetivos. (Tal como este tipo de alternância é característica de uma classe particular de nomes no irlandês antigo, é restrita a um subconjunto de adjetivos.) Mudanças na forma fonética do adjetivo *gel* não se restringem, porém, àquelas que afetam seu substantivo nuclear. A consoante inicial do adjetivo exibe três formas: oclusiva velar, fricativa velar e nasal velar. Alternâncias correspondentes do tipo [b] ~ [β] ~ [m] e [d] ~ [ð] ~ [n] ocorrem também.

Se continuarmos a perseverar com a nossa pressuposição de que é possível de explicar alternâncias sincrônicas em termos de mudanças históricas, essas “mutações iniciais” (como são denominadas nas gramáticas do irlandês) exigem um tratamento histórico. Convém observar que as mutações consonantais iniciais estão em grande medida reitricadas a palavras não-iniciais em sintagmas que exibem associações gramaticais estreitas, como, por exemplo, *artigo + nome* ou *nome + adjetivo*. Esse fator sugere que estamos a lidar com um processo que deve originar num fenômeno sandhi, o que significa, uma situação em que o domínio de mudança fonética é maior do que a palavra individual. Se essa hipótese for correta, pode ser que seja possível irms além da nossa recuperação dos segmentos finais perdidos mediante uma análise da natureza das alternâncias sincrônicas a serem notadas nos elementos iniciais com os quais estes segmentos perdidos em final de palavra estavam em contato sintagmático íntimo.

Embora os fatores fonéticos envolvidos são com frequência bastantes complexos, não seria incorreto para as nossas finalidades (se bem que muito simplificado para servir como um princípio geral) afirmarmos que as consoantes plosivas sofrem “enfraquecimento” muitas vezes em posição intervocálica. O resultado desse “enfraquecimento” varia conforme a situação, mas tal mudança assume com frequência a forma de espirantização tanto para as consoante oclusivas sonoras como para as surdas. (É instrutivo apontar nesta altura que as consoantes oclusivas surdas iniciais no irlandês antigo se tornam fricativas em justamente aqueles contextos em que [b d g] > [β ð γ], como constatamos em (nom.) *fer cain* [f̪er.kanʲ] “homem bom”, mas (gen.) *fir chain* [f̪irʲ.χanʲ]. Essa mudança comum de oclusão para fricção em posição intervocálica propõe uma explicação histórica para a alternância exemplificada na consoante inicial de *gel* em (3.2).

Se as vogais altas que foram reconstruídas de modo experimental para as formas genitiva e dativa da palavra *fer* estão, de fato, em posição final de palavra, um contexto intervocálico apropriado para a mudança sonora na forma de consoante oclusiva > fricativa / V__ V estaria presente no irlandês pré-histórico e explicaria o continuante [γ] no genitivo e dativo do adjetivo *gel*. Por outro lado, a manutenção da articulação oclusiva no segmento inicial do singular do nominativo desse adjetivo sugeriria uma consoante final no nominativo pré-histórico da palavra *fer* que o precedia.

Até este ponto, a identidade superficial na configuração das formas nominativa e acusativa de *fer* tem sido mantida na nossa reconstrução. Nas duas, uma vogal não-alta, não-palatal foi reconstruída. Entretanto, se a configuração do adjetivo seguinte for considerada e se a pressuposição for correta de que os segmentos finais não-atestados afetaram os segmentos iniciais que os seguiam, fica evidente de que as formas do nominativo e do acusativo do substantivo eram diferenciadas em algum momento. É razoável sugerir que as alternâncias como, por exemplo, [g] ~ [ŋ] no adjetivo refletem a influência de um segmento nasal anterior em posição final de palavra na forma acusativa do nome antecedente. Coincidentemente, poderíamos inferir que a consoante final proposta para o nominativo pré-histórico teria sido oral e não nasal.

Somos afortunados no caso do irlandês antigo de dispor de muitas línguas cognatas para comparar. Por conseguinte, a nossa imagem da forma pré-histórica dessa língua é muito mais completa do que qualquer uma que possamos reconstruir apenas pelos métodos da análise interna. É, no entanto, um exercício interessante e instrutivo exibir o potencial e as limitações da reconstrução interna numa

situação em que a reconstrução pode ser verificada. No caso da flexão nominal no irlandês antigo, um impressionante, embora limitado, grau de exatidão é atingível quanto à classe de substantivos que temos considerado acima. Compare as desinências recuperadas pela reconstrução interna às que se sabe ser corretas para o irlandês pré-histórico na base de comparações com outras línguas celtas e indo-europeias, tal como exemplificamos em (3.3).

(3.3)

Recuperável por reconstrução interna		Reconstrução real	
	V(ogal)	+	C(onsoante)
<i>nom.</i>	[-alto] [-palatal]		[-nasal]
			*-os
<i>gen.</i>	V [+alto] [+palatal] [-labial]		(p. ex., [i])
			*-ī
<i>dat.</i>	V [+alto] [-palatal] [+labial]		(p. ex., [u])
			*-ū
<i>acus.</i>	V [-alto] [-palatal]	+	C [+nasal]
			*-om

A incongruência estrutural e a reconstrução interna

Como já foi notado várias vezes até este ponto, somente aquelas mudanças linguísticas que tenham deixado atrás alguns vestígios podem ser reconstruídos pelos métodos da reconstrução interna. Tais sinais de mudança, entretanto, não estão restritos aos casos de alomorfa paradigmática; eles podem envolver a ocorrência de incongruências estruturais de diversos tipos nos sistemas sincrônicos. A presença numa língua de qualquer um dos seguintes fenômenos estruturais pode sugerir uma mudança linguística numa fase anterior na história da língua: (1) números desproporcionados na frequência estatística de contrutos linguísticos; (2) assimetria nos padrões estruturais de uma língua (por exemplo,

lacunas imotivadas no inventário fonêmico); (3) anomalias com respeito à configuração canônica de formas linguísticas.

Quanto a (1) ou (2) acima, é fácil conjecturar sobre o fato da mudança, mas é muito difícil identificar os pormenores ou as circunstâncias de uma mudança com este tipo de evidência. No grego moderno, por exemplo, /i/ é de longe a vogal mais preponderante. Como somos afortunados de dispor de uma longa história de registros escritos para a língua grega, sabemos que o fonema /i/ do grego moderno deriva de nove fontes fonêmicas diferentes que se fundiram de maneira não-condicionada. Se o nosso conhecimento do grego moderno fosse isolado e se o grego moderno não utilizasse uma ortografia arcaizante, a extraordinária predponderância estadística de /i/ no grego moderno seria o único indício de que o estado original poderia ter sido diferente. Evidentemente, nada na língua moderna sugere os detalhes e a magnitude dessa diferença.

O uso de padrões estruturais como evidência de que uma mudança linguística poderia ter ocorrido (2) se baseia na pressuposição bem-estabelecida de que as línguas tendem a se confirmar, em geral, a certos princípios. Um postulado amplamente defendido, por exemplo, é que os sistemas sonoros universalmente tendem a ser simétricos. Pois, se uma língua exibir uma série completa de consoantes oclusivas sonoras, mas lhe falta apenas uma das consoantes oclusivas surdas correspondentes, seria razoável supor que o segmento oclusivo surdo faltante tivesse sido eliminado pela operação de uma mudança sonora. No irlandês antigo, constam as consoantes oclusivas /g d b k t/. A oclusiva /p/ se manifesta apenas em algumas palavras clara e tardiamente tomadas emprestadas do latim. O segmento em questão invariavelmente não ocorre nos vocábulos nativos. A inferência de que /p/ foi eliminado numa fase antiga na história do irlandês poderia ser tirada em tal situação e, neste caso, semelhante hipótese seria totalmente correta. Embora a ocorrência de /p/ no inventário fonêmico do irlandês pré-histórico seja altamente provável, a identificação de sua ocorrência em morfemas específicos exige outras classes de evidência.

Em situações em que o analista se vê confrontado com formas linguísticas que são excepcionais quanto às estruturais predominantes numa língua (3), o método de reconstrução interna se mostra frequentemente extraordinariamente poderoso. De modo a exemplificar esse tipo de análise interna, consideremos um exemplo brilhante apresentado pelo linguista suíço, Ferdinand de Saussure em 1879 e que foi confirmado por evidência direta muito mais tarde.

A reconstrução interna das consoantes laríngeas indo-europeus

Saussure investigou a estrutura das raízes no protoindo-europeu reconstruído. Na maioria dos casos, as raízes eram da configuração CVC – consoante, vogal, consoante – ou CVRC – consoante, vogal, ressoante, consoante. A forma básica da vogal nos dois tipos era /e/ e existia a possibilidade de que o segmento ressoante no tipo CVRC pudesse ocorrer na posição pré-vocálica, como CeC, CeRC ou CreC (C abrange todos os R). Essas raízes representam (parcialmente) o que é chamado o *grau normal* de uma raiz indo-europeia. Sob determinadas condições morfológicas especificáveis, todos desses tipos de raiz podem ocorrer sem a vogal radical. Essa forma é denominada o *grau zero* da raiz. Em tais casos, um segmento ressoante consonantal se tornará vocálico se recair entre duas consoantes. Abaixo apresentamos alguns exemplos:

(3.4)

Grau normal/zero (PIE)		grau normal (sânscrito)	grau zero (sânscrito)	particípio passado
		1ª pessoa do singular do tempo perfeito do modo indicativo da voz ativa	1ª pessoa do singular do tempo perfeito do modo indicativo da voz médio-passiva	
*b ^h er- / *b ^h r- ~ *b ^h r-	“levar”, “carregar”	बभ्र (ba·b ^h ar·a)	बभ्र (ba·b ^h r·e)	भृत् (b ^h r·ta)
*gém- / *gṃ- ~ *gṃ-	“ir”	जगम (ja·gam·a)	जग्मे (ja·gm·e)	गत (ga·ta)
*mei̯- / *mi̯- ~ *mi-	“fixar”	मिमय (mi·may·a)	मिम्ये (mi·my·e)	मित (mi·ta)
*kleu̯- / *klu̯- ~ klu-	“ouvir”	शुश्रव (śu·śrav·a)	शुश्रवे (śu·śr(u)v·e)	श्रुत् (śru·ta)
*deik̯- / *dik̯-	“indicar”	दिदेश (di·deś·a) [*ei̯ > e]	दिदिशे (di·diś·e)	दिष्ट (diṣ·ta)
*ieug ^w - / *iug ^w -	“juntar”	युयोज (yu·yoj·a) [*eu̯ > o]	युयुजे (yu·yuj·e)	युक्त (yuk·ta)
		3ª pessoa do singular do tempo presente do modo indicativo da voz ativa.	3ª pessoa do singular do modo injuntivo	
*pet- / *pt-	“voar”	पतति (pat·ati)	पसत् (pa·pt·at)	

Essas alternâncias representam parte de uma série mais complexa de alternâncias no indo-europeu denominado *apofonia* ou *ablaut*. Na base de dados como esses, podemos afirmar que uma alternância morfofonêmica existia no indo-europeu entre /e/ e Ø com a vocalização concomitante de um segmento ressoante no alternante do grau zero, toda vez que esse ressoante vinha a aparecer em posição intervocálica como o resultado do apagamento da vogal radical.

Um número reduzido de raízes amplamente atestadas e de uso frequente constituem uma aparente exceção ao padrão geral que acabamos de descrever. Em tais raízes, aparece apenas uma consoante e, nos morfemas em que essa consoante é inicial, a vogal é *longa* nos contextos em que se manifesta o grau normal. Além disso, a vogal radical pode ser de três qualidades – ē ā, ou ō. Nos contextos em que aparece o grau zero, isso significa, em situações gramaticais em que as raízes do tipo padrão apagam a vogal radical, uma vogal breve, reconstruída como *ə, ocorre. Esse segmento *ə é um construto hipotético utilizado para representar o protótipo para a correspondência de /a/ na maioria das línguas indo-europeias com /i/ nos ramos índico e iraniano e /e/, /a/ ou /o/ no grego antigo. Este tipo de raiz é exemplificado a seguir:

(3.5)

Grau normal/grau zero (PIE)		1ª pessoa do singular do tempo presente do modo indicativo da voz ativa		particípio passivo	
		sânscrito	grego	sânscrito	grego
*d ^h ē- / *d ^h ə-	“colocar”	ददामी (da·d ^h ā·mi)	τιθήμι (ti·t ^h ē·mi)	हित- (hi·ta-)	θετο- (t ^h e·to-)
*stā- / *stə-	“estar/ficar em pé”	तिष्ठामी (ti·ṣṭ ^h ā·mi)	ἵστάμι (hi·stā·mi)	स्थित- (st ^h i·ta-)	στατο- (sta·to-)
*dō- / *də-	“dar”	ददामी (da·dā·mi)	διδώμι (di·dō·mi)	दित- (di·ta-)	δοτο- (do·to-)

Em 1879, Saussure sugeriu que seria razoável a supor que a classe de raízes caracterizada por uma vogal longa em alternância com *ə eram em algum momento estruturalmente consistentes com o tipo de razi mais comum e que certas mudanças fonéticas tinham ocultado essa identidade anterior. Como vimos, nas raízes padrões, a apofonia produziu as alternâncias da vogal radical que esquematizamos da seguinte maneira:

(3.6)

Grau normal		Grau zero	
e		∅	
e _i	([ej])	i	([i])
e _u	([ew])	u	([u])
er		r	([r])
el		l	([l])
em		m	([m])
en		n	([n])

Se o segmento vocálico [ə] fosse introduzido à coluna do grau zero acima, prediríamos um alternante do grau normal *eə. Saussure observou que essa forma teria sido a configuração original da alternância, ou seja, eə : ə, e o elemento [ə] em posição posvocálica teria sido eliminado por meio de mudança fonética com um alongamento compensatório da vogal que o antecedia, ou seja, *eə > ē. Desta maneira, uma nova alternância ē ~ ə é introduzida à língua. Além disso, Saussure postulou a existência de mais de um tipo de /ə/ a fim de explicar as diversas qualidades das vogais longas que ocorrem no grau normal. Ele denominou esses segmentos reconstruídos os *coeficientes sonânticos* (“coefficientes sonontiques”).

É interessante notar que a hipótese de Saussure atraiu pouca atenção nas décadas que seguiram sua publicação. Quarenta-e-oito anos mais tarde, em 1927, após a descoberta da língua hitita na Anatólia turca em 1906 e sua decifração em 1915 por B. Hronzý, o linguísta Jerzy Kuryłowicz [ele das

leis da analogia] estabeleceu de forma definitiva a existência dos coeficiente sonânticos de Saussure, atualmente conhecidos como consoantes *laríngeas*. Kuryłowicz conseguiu comprovar a existência dos elementos hipotéticos ao apontar que certos morfemas hititas que eram claramente cognatos com morfemas noutras línguas indo-europeias exibem segmentos reais (escritos *h* e *hh*) os quais, por outro lado, eram desconhecidos no indo-europeu, apareciam em muitas das posições onde a hipótese de Saussure prediria a ocorrência de coeficientes sonânticos, como, por exemplo, na palavra hitita *lahh-u* comparada com *λάος* (*lā-os*) do grego. Assim, uma reconstrução baseada totalmente em considerações teóricas e na análise interna foi confirmada por evidência comparativa descoberta subsequentemente.

A relação entre o método comparativo e a reconstrução interna

A reconstrução interna é um procedimento para inferir somente uma *parte* da história de uma língua e, portanto, os resultados da aplicação dos métodos internos de análise são totalmente diferentes dos da aplicação do método comparativo. O método comparativo procura reconstruir, idealmente, um sistema sincrônico completo ou, de um modo mais realístico, algum subconjunto desse sistema, tal como o inventário fonêmico ou o conjunto de desinências flexionais para uma língua pré-histórica que se pressupõe ter existido. Considerando que etapas nas histórias de línguas são recuperadas mediante o método comparativo, eventos históricos específicos e traços individuais de gramáticas ancestrais são restaurados pela reconstrução interna. De modo a exemplificarmos, a comparação de morfemas cognatos e sistemas fonológicos cognatos possibilita a reconstrução de um sistema fonológico progenitor e um léxico de morfemas progenitores. As mudanças sonoras são inferidas de maneira coincidental na base da relação entre as formas existentes e as formas hipotéticas das quais se supõe que aquelas atestadas derivam. Por outro lado, a análise de um traço fonológico particular numa única língua permite o restabelecimento direto do evento – a mudança sonora que explica esse traço sincrônico particular. Tal análise, porém, proporciona pouca ou até nenhuma informação no que diz respeito ao sistema maior no qual esse evento ocorreu.

Use-se, em geral, o termo *pré-língua*, como referência técnica dessemelhante a *protolíngua*, para denominar um período na história de uma língua associado ora com um determinado traço recuperável pela reconstrução interna, ora com uma dada mudança linguística (ou uma série de tais mudanças) que fica(m) refletida(s) no sistema sincrônico, seja esse existente ou reconstruído. Por conseguinte, numa explicação da ressurreição de /s/ intervocálico no grego pré-histórico, a mudança /s/ > Ø / V __ V pode ser passada ao período do “pré-grego”. Igualmente, a fusão de /a/ e /o/ como /a/, que diferencia o sistema de vogais breves protogermânico do mesmo sistema no protoindo-europeu, deve ser considerada uma mudança que aconteceu no pré-germânico, o reflexo do qual é realizado no protogermânico reconstruído. Em quanto ao modelo da árvore genealógica de diferenciação linguística, os nódulos da árvore podem ser enxergados como representações das protolínguas e das línguas existentes, ao passo que as linhas que conetam esses nódulos se referem aos períodos das pré-línguas. Evidentemente, é preciso lembrar-se de que uma linha de comprimento indefinido pode ser traçado para cima desde o nódulo que representa um antecessor basicamente reconstruído de uma família, na medida em que a reconstrução interna deixa a recuperação de mudanças que antedatem a existência de até esses protótipos antigos. (Recorde a reconstrução de Saussure dos coeficientes sonânticos.) O termo *língua comum* é utilizado com frequência também na literature sobre a linguística histórica. Por

exemplo, a expressão “eslavo comum” se refere àquela etapa no desenvolvimento histórico das línguas eslavas que antecedeu a diferenciação dialetal.

A relação entre a reconstrução interna e o método comparativo enquanto procedimentos práticos para a reconstrução linguística deve ser ponderada. Obviamente, quando o linguista se interessar pela pré-história de uma língua da qual se desconheçam os parentes, a reconstrução interna é o único útil disponível. Por outro lado, é mais comum que línguas aparentadas existam, com efeito, e em tais situações decisões ao respeito dos procedimentos têm que ser tomadas. Um método será aplicado à exclusão do outro numa dada investigação? Se a decisão não for essa, qual procedimento terá prioridade quanto à ordem de aplicação ou com respeito à exatidão dos resultados obtidos? Como poderia ser antecipado, não existem respostas fáceis a essas perguntas e os linguistas precisam usar seu próprio critério em cada caso particular. Se, por exemplo, uma de várias línguas irmãs exibir uma alternância sem paralelos nas demais membros da família, a reconstrução interna deve ser aplicada para identificar a forma mais arcaica dos morfemas alternantes. Essas formas poderão ser utilizadas para identificar os conjuntos correspondentes nas futuras análises comparativas. Se a reconstrução interna não prevalecesse em tal situação, a comparação histórica seria atrapalhada por uma confusão de formas que resultavam de desenvolvimentos tardios e peculiares a línguas específicas e que contribuem pouco ou nada a esclarecer como prosseguir na reconstrução da língua mãe. Não se deve interpretar o antedito, entretanto, como dizendo que a lição a ser retirada é que a reconstrução interna *sempre precede* a análise comparativa. Pelo contrário, existem muitas situações em que o proceder oposto é o indicado. A história das línguas eslavas constitui um exemplo disso.

Os sistemas morfofonêmicos de todas as línguas eslavas exibem os resultados de pelo menos três, mas provavelmente quatro processos de palatalização separadas, porém, cronologicamente ordenadas. Para a maioria, se não todas as línguas eslavas, um linguista esclarecido deveria poder reconstruir esta série de mudanças sonoras na base de apenas evidências internas. Existem dados suficientes no sistema morfofonológico do eslavônico eclesiástico antigo ou no do russo para possibilitar a recuperação de um sistema fonológico pré-histórico sem consoante palatais. Se o potencial pleno da reconstrução interna fosse realizada para cada língua eslava, seria possível que as consoantes palatais fossem eliminadas de cada uma dessas línguas antes de realizar uma análise comparativa. A realização de tal procedimento seria extremamente infeliz. As palatalizações representam o mais notável conjunto de inovações fonológicas *compartilhadas* por todas as línguas eslavas. É muito pouco provável que essas várias línguas compartilhassem quatro mudanças sonoras condicionadas que ocorreram na mesma ordem histórica (e, casualmente, que exibem a mesma cronologia relativa com respeito a outros desenvolvimentos compartilhados) como o resultado de inovações em paralelo. É muito mais razoável supor que esses desenvolvimentos são do pré-eslavo ou, são associados, ao mais tardar, ao período de diferenciação dialetal eslava.

O pressuposto metodológico que muitas vezes é apresentado na literatura linguística de que a reconstrução interna é sempre um prerequisite e independente do método comparativo está claramente errado, como os dados eslavos demonstram. É teoricamente possível reconstruir para qualquer sistema sincrônico uma pré-língua divestida de alternâncias morfofonêmicas. Se isso fosse realizado, as alternâncias morfofonêmicas (ou as regras fonológicas) seriam, por definição, irreconstrutíveis para qualquer protolíngua. Isso constitui uma restrição inaceitável a aplicar a uma língua natural. Conseqüentemente, uma metodologia processual que deposite tal limitação nas protolínguas também é inaceitável, já que se pressupõe que as protolínguas tentam refletir sistemas linguísticos reais.

Leituras adicionais recomendadas

ANTTILA, Raimo (1968). “The relation between Internal Reconstruction and the Comparative Method”, *Ural-altaische Jahrbücher* 40: 159-173.

CHAFE, W. L. (1959). “Internal reconstruction in Seneca”, *Language* 35: 477-95.

DE SAUSSURE, Ferdinand (1887). *Memoir ‘On the Primitive System of Vowels in the Indo-European Languages’*. / *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Reimpressão autorizada da edição de 1879. Paris: Vieweg.

HOENIGSWALD, Henry M. (1944). “Internal reconstruction”, *Studies in Linguistics* 2: 78-87.